

PSICODELIA CLÍNICA E EXPERIÊNCIA NARRATIVA: SPINOZA E A JORNADA DE APRENDIZAGEM DOS AFETOS

ALESSANDRO GONÇALVES CAMPOLINA *

DOI: [HTTPS://DOI.ORG/10.52521/CONATUS.V17I28.15508](https://doi.org/10.52521/conatus.v17i28.15508)

INTRODUÇÃO

A experiência psicodélica pode ser vista como uma jornada através do fluir de afetos que delineiam a conexão entre ideias pertinentes e ações apropriadas. Uma experiência expandida de vida, que se confunde com uma longa aprendizagem experiencial em que é possível identificar estágios que perpassam a “infância”, a “adolescência” e a “maturidade” de um processo de transformação¹.

O mais fundamental desses estágios é conhecido como a “preparação”, sendo que a primeira tarefa preparatória, nesta que poderia ser chamada a “infância psicodélica”, é estar à altura das travessias mais exigentes, destacando as perspectivas a serem contrastadas. Toda experiência psicodélica deveria começar e terminar na exploração do território existencial e de seus contornos, muitas vezes identificados com o conceito de “set and setting”². “Elaborar o mapa de um território, considerar suas estradas, contornos, geologia, clima, e a relação com os arredores, talvez ensinará mais sobre história e geografia do que qualquer conhecimento genérico de um determinado lugar”¹. Neste sentido, este estágio é a verdadeira idade para a exploração e romantização da vida. Uma aventura movida pelo interesse que prepara o manifestar da mente como um processo de

concrecência³. Um estudo cuidadoso do lugar exato da exploração, durante o estágio de “preparação”, assemelha-se à aventura de um romance, sem a qual, no melhor dos casos, se obtém apenas conhecimento inerte e, no pior dos casos, desprezo pelas ideias e ausência de conhecimento³.

Após o estágio de “preparação”, a conquista progressiva da precisão é a marca de um novo estágio nesta jornada: a “experiência” ou o que poderia ser chamado de “adolescência psicodélica”. Marcado pela administração da substância psicoativa propriamente dita, este estágio pressupõe processos de precisão que também representam uma adição ao conhecimento. Nesse estágio, a amplidão das relações contidas em uma dada perspectiva está subordinada ao caráter exato da formulação explorada no estágio anterior. Os fatos explorados, que inicialmente mostraram ideias com possibilidades de significação ampla, são então organizados em uma ordem sistemática, formando tanto uma revelação quanto uma análise da matéria geral da exploração inicial. O estágio da “experiência” é a ascensão e a apreensão dos princípios da aquisição de um conhecimento preciso dos detalhes muitas vezes imperceptíveis na experiência ordinária. Durante este estágio, a exploração constitui o pano de fundo. O palco é dominado pelo fato inexorável de que existem caminhos retilíneos e caminhos tortuosos, em suas verdades transitórias; mas o romance continua vivo, e a arte da clínica psicodélica está em animá-lo em meio às compreensões que emergem das percepções implicadas.

O estágio final pode ser considerado um estágio de “integração”; uma espécie de grande síntese alcançada através de um modo transformador de conexão da experiência psicodélica com a matriz sociocultural em que se está inserido. O estágio de integração

* Médico, pesquisador e professor no Instituto do Câncer do Estado de São Paulo/Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). Participou de diversos treinamentos em Medicina Mente-Corpo no Brasil e no exterior (Centro Mente Aberta da Universidade Federal de São Paulo - Unifesp, Associação Brasileira de Hipnose, Centro de Musicoterapia Benenzon - Brasil, Instituto Félix Guattari - Brasil, Benson-Henry Institute - Harvard Medical School) e possui certificação internacional em Terapia Psicodélica pelo California Institute of Integral Studies (CIIS, EUA) e pela Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies (MAPS, EUA).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/017690378347881>.
E-mail: alessandro.campolina@hc.fm.usp.br

pressupõe processos de generalização que caracterizam um período de “maturidade psicodélica”. Um estágio em que a consciência descarta detalhes em favor da aplicação ativa de princípios, transformando estes detalhes em hábitos subconscientes. De certa forma, é um retorno à exploração com a vantagem de se levar consigo novas conexões de ideias e técnicas relacionais relevantes. É o desfrute da finalidade da experimentação precisa, que pode conduzir a um êxito final nas mais diversas dimensões do existir. O processo de generalização que ocorre neste estágio é, portanto, a aquisição da arte de utilizar os conhecimentos, pondo de lado detalhes em favor de princípios, em uma espécie de “consenso especial” entre os mundos ordinários da preparação e os mundos não ordinários da experimentação psicodélica. Assim, o ideal de uma integração não é tanto o conhecimento, mas a força das tendências. Sua finalidade é transformar o que se apreende com a experiência em força de mudança, a partir da potência das conexões ampliadas.

Enfim, pode-se dizer que em um estágio de preparação, o “experimentante” eleva-se com dificuldade do particular para vislumbres de ideias gerais; já no estágio de integração, partindo de ideias gerais, procura estudar suas aplicações a casos concretos. Uma experiência psicodélica bem planejada não deixa de ser, de alguma forma, um estudo da grande extensão da generalidade, sem perder de vista a efetuação desta generalidade em fatos concretos.

A singularidade deste processo reside em desvelar neste caminho imprevisível, o delicado equilíbrio entre liberdade e disciplina, o compasso exato que conduz ao ápice do progresso sobre todos os enigmas a serem desdobrados. O segredo do êxito se revela na cadência, na batida que pulsa; e o segredo dessa batida reside na entrega total à “jornada do afeto”.

LÓGICA DO ENCONTRO E A POTÊNCIA DE AFETAR E SER AFETADO

O afeto “é o efeito do encontro entre corpos e, como tal, envolve aumento ou diminuição da potência de agir e da potência de afetar e ser afetado dos modos por ele implicados.”⁴ Para Spinoza, o corpo emerge da força dos encontros com outros corpos que compõem ou decompõem sua estrutura. O corpo está em interação com o universo na medida em que afeta e é afetado.

Um corpo pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potência de agir nem maior nem menor. No postulado 1 da terceira parte da *Ética*, Espinoza afirma que o corpo humano pode sofrer muitas mudanças, sem deixar, entretanto, de preservar as impressões ou traços dos objetos e, consequentemente, as imagens das coisas (E3P1)⁵.

Neste sentido, o aumento da potência de agir do corpo constitui um afeto alegre, enquanto que sua diminuição, um afeto triste. Como estabelece Espinosa na proposição 28 da terceira parte da *Ética* “tudo o que imaginamos que conduz à alegria, esforçar-nos-emos por fazer de modo a que se produza; mas tudo o que imaginamos que lhe é contrário ou conduz à tristeza, esforçar-nos-emos por afastá-lo ou destruí-lo” (E3P28)⁵. Tal proposição “recorre justamente à igualdade e à simultaneidade entre a potência de pensar da mente e a potência de agir do corpo”⁴.

A filosofia da ação de Spinoza pressupõe, portanto, que o sujeito tenha uma atitude ativa no sentido de se esforçar para propiciar bons encontros, que produzam alegrias, aumentem a potência de agir, afastem-no das tristezas que a diminui. Para Spinoza, agir livremente não consiste em submeter-se a uma finalidade transcendente, movido por paixões como o medo ou a esperança, mas em exercer a potência de selecionar e organizar os encontros que compõem a experiência, de modo a aumentar a própria capacidade de existir e compreender. A liberdade, nesse sentido, não é uma escolha arbitrária, mas a expressão ativa da razão ao reconhecer as causas que nos afetam e ao integrá-las numa ordem própria, imanente aos próprios encontros⁶.

Assim, na filosofia de Espinoza, podemos encontrar o conceito de “conatus” que traduz o esforço para experimentar alegria, ampliar a potência de agir, imaginar e encontrar o que é causa de alegria, o que mantém e favorece essa causa; mas é também esforço para exorcizar a tristeza, imaginar e encontrar o que destrói, a causa de tristeza. Quanto maior é a alegria de que somos afetados, tanto maior é a perfeição. Segundo Espinoza, o conatus é o esforço de “perseverar em seu ser por uma duração

indefinida, e estar consciente desse seu esforço” (E3P7)⁵, pois “cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser” (E3P6)⁵.

Na lógica dos afetos, a interioridade psicológica não é distinta da exterioridade corpórea, ou seja, os afetos são concebidos como uma modalidade de pensamento que não passa pela representação. Segundo Silva, os afetos são o registro mental dos efeitos das intensidades sobre o corpo⁴. Os afetos manifestam de modo privilegiado a simultaneidade entre o que se passa no corpo e na mente e seu estudo propicia a Espinosa a ocasião de descartar a impressão de uma alternância ou de uma correspondência em que houvesse uma defasagem temporal (e, portanto, uma prioridade de um dos termos)⁴.

A filosofia de Espinoza mostra, assim, que o corpo pode ser afetado de muitas maneiras ao mesmo tempo. Neste sentido, a capacidade de ser afetado relaciona-se à possibilidade de tornar-se ativo e livre. “Por outro lado, tal capacidade deixanos vulneráveis porque sujeitos às oscilações que dependem do acaso, da fortuidade dos encontros com corpos que podem ora nos afetar de alegria, ora de tristeza”⁵.

ESTILO DE APEGO E JORNADA DO AFETO

Na “jornada do afeto”, podemos nos deparar com o conceito de apego, desenvolvido pelo psiquiatra inglês John Bowlby em 1969, logo tornando-se uma das ideias mais influentes da psicanálise moderna. Segundo a teoria de Bowlby, o apego é um sistema comportamental inato que se ativa em situações de ameaça ou desconforto⁷. Nessas circunstâncias, uma criança busca proteção e segurança junto a seus cuidadores, em especial os pais. Conforme a teoria, o tipo de resposta que a criança recebe na interação com os cuidadores influencia diretamente a qualidade de seu vínculo emocional e sua forma de se relacionar com outras pessoas ao longo da vida.

Se os cuidadores oferecem suporte constante e confiável, a criança tende a desenvolver o que Bowlby descreveu como “apego seguro”. Esse tipo de apego permite à criança explorar o mundo ao seu redor com confiança, sabendo que pode retornar a uma base segura quando necessário. Por outro lado, em situações onde essa proteção não é adequadamente oferecida,

a criança desenvolve um “apego inseguro”. Por exemplo, ao começar a engatinhar ou dar os primeiros passos, a criança precisa sentir que pode se afastar fisicamente do cuidador, mas que este estará disponível para protegê-la e acolhê-la caso algo dê errado. Sem essa segurança, a criança pode desenvolver medos profundos, dificuldades de exploração e desconfiança em relação ao ambiente e às pessoas. A ausência dessa base segura, portanto, pode comprometer não apenas o bem-estar emocional da criança, mas também sua capacidade de construir relações saudáveis na vida adulta. Uma experiência afetiva estabelecida a partir de um tipo de vínculo que gera insegurança e desconfiança, sentimentos que muitas vezes acompanham o indivíduo durante toda a vida, influenciando negativamente seus relacionamentos interpessoais⁸.

Segundo Bowlby, o vínculo estabelecido na infância também exerce profunda influência sobre a autoimagem da criança⁷. Quando uma criança não se sente amada pelos pais, muitas vezes não consegue compreender a falta de afeição como uma limitação dos próprios cuidadores. Em vez disso, ela tende a internalizar essa rejeição, acreditando que está agindo de forma errada ou insuficiente. Essa percepção leva a um esforço constante para tentar “merecer” o amor dos pais; um processo que, na maioria das vezes, resulta em frustração. Em termos psicodinâmicos, esse esforço pode marcar profundamente a infância e criar um padrão de busca por validação externa, além de dificuldade para estabelecer limites saudáveis em relações futuras. A criança cresce tentando desvendar os motivos da falta de amor parental; mas muitas vezes, suas tentativas de compreensão não chegam a resultados satisfatórios⁸.

De uma maneira geral, a Teoria do Apego proposta por Bowlby enfatiza que o desenvolvimento psicológico e emocional saudável depende de a criança estabelecer uma relação estável, confiável e duradoura com pelo menos um cuidador nos primeiros anos de vida⁷. Com base nos fundamentos desta teoria, os pesquisadores Bartholomew e Horowitz, em 1991, ampliaram a compreensão sobre os impactos desse vínculo inicial, desenvolvendo um sistema de classificação para os estilos de apego na vida adulta⁹. Esses estilos, derivados

das experiências biográficas na infância, influenciam como os indivíduos estabelecem relacionamentos interpessoais e sociais e foram divididos em quatro tipos principais:

1 APEGO SEGUR

Indivíduos com apego seguro tiveram experiências de cuidado consistentes, afetuosas e previsíveis na infância. Essas pessoas desenvolvem uma autoconfiança sólida e uma visão positiva dos outros, sentindo-se merecedoras de afeto e capazes de confiar em suas relações. Elas equilibram bem suas necessidades de afeto e independência, sentindo-se confortáveis para pedir e receber ajuda quando necessário. Em seus relacionamentos, mostram-se abertas à intimidade e capazes de resolver conflitos de forma saudável.

2 APEGO PREOCUPADO

Esse estilo é formado em contextos onde o cuidado foi inconsistente, alternando entre presença e ausência de suporte emocional, embora sem abusos explícitos. Crianças que vivenciaram esse tipo de cuidado tendem a crescer com baixa autoestima e uma necessidade constante de validação externa. Como adultos, esses indivíduos frequentemente se tornam excessivamente dependentes de seus parceiros, priorizando as necessidades dos outros em detrimento das próprias. Eles apresentam alta sensibilidade ao medo de rejeição ou abandono, o que pode levar a comportamentos como ciúmes excessivos, ansiedade nas relações e estresse constante. Muitas vezes, sua vida emocional é marcada pela tentativa de evitar conflitos e agradar aos outros, mesmo que isso signifique renunciar a seu próprio bem-estar.

3 APEGO EVITATIVO

O estilo evitativo surge em situações onde as necessidades emocionais da criança foram ignoradas ou negligenciadas. Isso ocorre, por exemplo, em contextos onde os cuidadores enfrentam dificuldades como vícios, transtornos psicológicos ou outras condições que os impedem de responder adequadamente às demandas emocionais dos filhos. Adultos com esse estilo de apego desenvolvem uma autossuficiência exagerada, confiando apenas em si mesmos e evitando depender de outras pessoas. Eles costumam enxergar o afeto como um sinal de

fraqueza e têm dificuldade em compreender ou atender às necessidades emocionais dos outros. Embora muitas vezes sejam ambiciosos e bem-sucedidos profissionalmente, podem apresentar uma falta de empatia e uma tendência a evitar intimidade emocional.

4 APEGO TEMEROSO

Esse estilo é associado a experiências de abuso, negligência grave ou violência na infância. Indivíduos com apego temeroso possuem uma visão negativa tanto de si mesmos quanto dos outros. Apesar de desejarem contato social, têm um medo profundo de rejeição, o que os impede de se conectar verdadeiramente com as pessoas. Em relacionamentos, essas pessoas tendem a se afastar quando a intimidade cresce, priorizando metas individuais como forma de proteger-se emocionalmente. Sua infância é muitas vezes marcada pela busca incessante de explicações para o abuso ou negligência sofridos, mas essa busca raramente resulta em respostas satisfatórias.

As classificações propostas por Bartholomew e Horowitz, assim como os fundamentos da Teoria do Apego de Bowlby, destacam a profunda relação entre os padrões emocionais desenvolvidos na infância e os estilos de relacionamento na vida adulta^{7,8}. Indivíduos com visão negativa dos outros (como no apego evitativo e temeroso) tendem a evitar pedir apoio e a manter distância emocional. Por outro lado, aqueles com visão negativa de si mesmos (como no apego preocupado) muitas vezes sacrificam suas próprias necessidades para agradar aos outros, o que pode gerar sofrimento emocional e financeiro. Assim, a Teoria do Apego não apenas ilumina a dinâmica dos primeiros vínculos, mas também fornece uma estrutura poderosa para compreender como as experiências afetivas iniciais moldam os padrões de relacionamento ao longo da vida⁷.

EXPERIÊNCIA NARRATIVA E TONALIDADES AFETIVAS

No cinema, um dos grandes desafios para os roteiristas é enxergar as formas narrativas como variações afetivas da construção de personagens de modo flexível e adaptável¹⁰. Na contação de histórias, não se trata de simplesmente escolher um molde pré-definido — como uma tragédia ou uma farsa — e aplicá-lo à estrutura narrativa, mas sim de explorar os dilemas do cotidiano com profundidade e criatividade. A

elaboração de um roteiro cinematográfico se depara com questões imagéticas, mas também investiga as questões humanas que permeiam a vida, buscando ângulos únicos de reflexão e abordagens que revelem aspectos mais amplos ou ocultos da experiência¹¹.

Essa tarefa exige experimentação contínua e atenção a uma questão decisiva: quais tratamentos narrativos podem ampliar a compreensão do tema central? Um recurso valioso nesse processo é a variação afetiva ao longo da estrutura do enredo. Uma comédia, por exemplo, pode se enriquecer ao incorporar elementos explosivos e absurdos da farsa, dialogar com a intensidade emocional do melodrama ou até criar momentos que toquem na gravidade da tragédia, onde o confronto com um limite irreversível parece inevitável¹². Essa exploração de afetos não apenas amplia a complexidade da narrativa, mas também desafia o roteirista a equilibrar diferentes registros sem perder a coesão da obra.

Para tanto, a construção de personagens que encarnem a complexidade afetiva dos diferentes estilos de apego que caracterizam os relacionamentos humanos faz com que a potência clínica do cinema se apresente, ao mesmo tempo em que se torna grande o entusiasmo pela incomensurável contribuição das artes para uma perspectiva de trabalho em psicodelia clínica. Assim, cabe destacar a tipologia ética, estética e clínica de 4 personagens que remontam não só a história do cinema, mas da própria dramaturgia de uma maneira geral¹².

O PERSONAGEM CÔMICO

O personagem cômico não apenas entretém ou provoca risos, mas desempenha um papel essencial na narrativa ao explorar e solucionar conflitos de maneira que harmonize as tensões. A comédia, enquanto forma narrativa, se diferencia de outros gêneros pela sua capacidade de promover reconciliações provisórias e destacar as relações humanas de forma inclusiva e flexível.

O personagem cômico, com seu olhar realista e habilidade de transitar entre diferentes perspectivas para alcançar a conciliação, guarda uma relação interessante com o estilo de apego seguro. Assim como indivíduos com apego seguro têm confiança em suas relações e equilibram intimidade e independência,

o personagem cômico demonstra uma capacidade similar de conectar-se com outros personagens e compreender seus pontos de vista, promovendo a harmonia necessária para o desenlace da história. Sua atuação não é impulsionada por conflitos irreconciliáveis ou pela busca de vingança, mas pela crença de que é possível resolver os dilemas de forma prática e criativa, refletindo uma postura confiante e aberta que ressoa com a estabilidade emocional e a flexibilidade das pessoas com apego seguro.

Tonalidades Afetivas do Personagem Cômico:

1 FLEXIBILIDADE E ADAPTABILIDADE:

O personagem cômico é capaz de se mover entre diferentes pontos de vista, ajustando sua abordagem para superar conflitos sem rupturas definitivas. Ele simboliza a capacidade humana de negociar e improvisar diante de desafios.

2 BUSCA PELA CONCILIAÇÃO:

Em vez de confrontar diretamente as contradições da vida ou dramatizá-las como em uma tragédia, o personagem cômico trabalha para driblá-las. Seu objetivo final é estabelecer um equilíbrio, ainda que temporário, que permita a continuidade da vida e das relações.

3 PERSPECTIVA RELACIONAL:

O personagem cômico é apresentado “em situação”, ou seja, suas ações são sempre influenciadas pelo olhar e pelas reações de outros personagens. Ele não é um indivíduo isolado, mas parte de uma rede social em constante interação.

4 EXPLORAÇÃO DO COTIDIANO:

O personagem cômico lida com problemas comuns e universais, tornando sua jornada acessível e identificável. Ele transforma questões ordinárias em oportunidades para o humor, reflexão e empatia.

O PERSONAGEM TRÁGICO

O personagem trágico se define por sua agência ativa e por enfrentar uma contradição insolúvel que o conduz à destruição. Ele não é vítima de um destino caprichoso ou de uma conspiração cósmica, mas arquiteto de seu próprio desfecho. Suas decisões e ações são o motor de sua ruína, e a narrativa trágica, ao contrário de ironias ou conciliações habilidosas,

busca expor e explorar as forças sociais ou existenciais que sustentam esse desfecho.

O personagem trágico, cuja ação irreparável e conflito interno o conduz à destruição, pode ser relacionado ao estilo de apego evitativo, pois ambos tendem a fugir da vulnerabilidade emocional e da conexão profunda com os outros. Assim como indivíduos com apego evitativo evitam a intimidade e a dependência. O personagem trágico frequentemente se isola emocionalmente, tomando decisões que o afastam dos outros e, ao mesmo tempo, o condenam. Sua tragédia surge, em grande parte, da incapacidade de lidar com suas próprias emoções e de buscar apoio, levando-o a um confronto solitário com o destino, onde suas ações têm consequências devastadoras, refletindo a autossuficiência exagerada e a dificuldade de lidar com as relações interpessoais características do apego evitativo.

Tonalidades Afetivas do Personagem Trágico:

1 AGÊNCIA E AÇÃO:

O personagem trágico age de forma decisiva, impulsionado por valores, crenças ou paixões que desafiam as ordens estabelecidas. Essas ações, irreparáveis e desmedidas, desencadeiam uma cadeia de eventos que podem culminar em sua destruição.

2 CONFLITO INSOLÚVEL:

O herói trágico enfrenta uma situação que não pode ser resolvida sem um sacrifício extremo. Essa contradição não decorre de coincidências ou acasos, mas de tensões profundas na ordem social, cultural ou moral em que vive.

3 REVELAÇÃO E REFLEXÃO:

O percurso trágico frequentemente revela verdades ocultas sobre o mundo ou sobre o próprio personagem. Essa catarse pode surgir de um reconhecimento tardio de suas falhas, mas a consequência é sempre inevitável.

4 ISOLAMENTO E DESTRUIÇÃO:

A dimensão trágica se manifesta no isolamento final do personagem, tanto em relação aos outros quanto ao mundo. A morte do herói trágico não é um fim gratuito, mas parte de um movimento maior que expõe as contradições da sociedade ou da condição humana.

O PERSONAGEM MELODRAMÁTICO

O personagem melodramático é uma figura central nas narrativas que exploram emoções exacerbadas e dilemas existenciais intensos. Sua identidade é construída em torno de uma luta constante contra forças opressivas que o isolam e o colocam em um estado de sofrimento contínuo.

O personagem melodramático, marcado por uma forte sensação de vitimização e excesso de emoção, pode ser associado ao estilo de apego preocupado, que se caracteriza pela constante busca por aprovação e insegurança em relação aos outros. Assim como indivíduos com apego preocupado tendem a se sentir ansiosos e excessivamente dependentes nas relações. O personagem melodramático é consumido por seus dilemas emocionais, frequentemente se colocando como vítima de forças externas e sendo incapaz de lidar com suas emoções de forma equilibrada. Esse tipo de personagem busca incessantemente a validação dos outros e teme a rejeição; o que o leva a entrar em ciclos de sofrimento, sempre à espera de uma resolução que, no fundo, parece distante, refletindo a dependência emocional e a necessidade constante de “reassurance” do apego preocupado.

Tonalidades Afetivas do Personagem Melodramático

1 ISOLAMENTO E SOLITÁRIO EXAGERADOS:

O personagem melodramático está sempre desconectado do “mundo”, que surge como uma entidade impessoal, caótica e indiferente. Ele é o sofredor por excelência, separado de qualquer apoio genuíno, o que reforça a sensação de desamparo e vulnerabilidade. Esse isolamento simbólico não é apenas uma condição narrativa, mas uma amplificação da percepção de abandono emocional típica do apego preocupado.

2 HIPÉRBOLE EMOCIONAL:

No melodrama, as emoções do protagonista transbordam, atingindo o espectador com intensidade. O sofrimento é elevado a uma dimensão quase mítica: o protagonista não apenas sente a dor, mas vive para expressá-la em cada gesto e palavra. Essa dramatização reflete o hiperfoco emocional do indivíduo com apego preocupado, cuja ansiedade e angústia dominam suas interações e escolhas.

3 OPOSIÇÃO AO MUNDO CRUEL:

O mundo do melodrama é cruel, imprevisível e repleto de forças que conspiram contra o protagonista. Cada desafio, traição ou adversidade reforça a narrativa de que o herói está sozinho em sua luta por validação e sobrevivência emocional. Essa visão de um universo hostil encontra eco no apego preocupado, onde o indivíduo interpreta a inconsistência alheia como um reflexo de sua inadequação, sentindo-se constantemente em conflito com os outros.

4 BUSCA DE RECONHECIMENTO E PUREZA MORAL:

O protagonista melodramático é frequentemente apresentado como uma figura moralmente superior, cuja dor o eleva acima das banalidades do mundo. Ele busca, através do sofrimento, validar sua pureza de coração e dignidade. Esse traço dialoga com o apego preocupado, onde o indivíduo, embora se sinta inferior, tenta incessantemente conquistar a aceitação dos outros por meio de sacrifícios e submissão emocional.

5 SOFRIMENTO COMO IDENTIDADE:

No melodrama, o sofrimento não é apenas um estado transitório; ele é a essência do personagem. Cada desafio enfrentado é uma reafirmação de sua condição de vítima do destino ou das circunstâncias. Essa característica se assemelha ao apego preocupado, onde o sofrimento emocional se torna parte integral da identidade do indivíduo, alimentado pela necessidade constante de aprovação e medo do abandono.

6 RELAÇÃO DRAMÁTICA COM O OUTRO:

O personagem melodramático frequentemente constrói relações que amplificam sua dor: amores impossíveis, traições devastadoras e decepções que reafirmam sua visão de um mundo hostil. Da mesma forma, o indivíduo com apego preocupado estabelece vínculos marcados por dependência, ansiedade e medo, perpetuando ciclos de sofrimento emocional que reforçam sua visão negativa de si mesmo e dos outros.

O PERSONAGEM FARSESCO

O personagem farsesco é uma figura que, em sua essência, desestrutura a seriedade do mundo ao seu redor por meio do exagero,

do absurdo e da caricatura. Diferentemente do melodrama, que convida à identificação emocional, a farsa gera distanciamento, permitindo que os espectadores riam das falhas, infortúnios e contradições do protagonista.

O personagem farsesco, caracterizado por um comportamento exagerado, descompromissado e muitas vezes repleto de ações impulsivas e irracionais, pode ser relacionado ao estilo de apego temeroso, que envolve uma estranha mistura de desejo de intimidade e medo de rejeição ou abandono. Assim como o indivíduo com apego temeroso oscila entre a busca por aproximação e o receio de ser ferido ou rejeitado; o personagem farsesco utiliza do humor, do exagero e de comportamentos excêntricos para encobrir suas inseguranças e medos, muitas vezes criando uma fachada de autossuficiência ou despreocupação. Esse personagem evita confrontar diretamente suas vulnerabilidades, recorrendo à distração e à fuga por meio de comportamentos teatrais, como forma de proteger-se das ameaças emocionais que percebe, refletindo o medo e a ambivalência típicos do apego temeroso.

Tonalidades Afetivas do Personagem Farsesco

1 EXAGERO E CARICATURA:

O personagem farsesco é construído a partir de traços exagerados de personalidade, comportamento ou aparência, que o tornam risível e, muitas vezes, tragicômico. Essa ênfase no ridículo reflete o apego temeroso, onde a visão negativa de si mesmo é amplificada, projetando uma autoimagem que pode parecer absurda e contraditória até para o próprio indivíduo.

2 O MUNDO COMO CAOS:

Na farsa, o caos reina. As situações se desdobram sem lógica ou consequência, criando um universo onde tudo é possível, mas nada é previsível. Esse cenário reflete a experiência emocional do indivíduo com apego temeroso, que enxerga as relações como perigosas e instáveis, repletas de armadilhas emocionais imprevisíveis.

3 INCONSEQUÊNCIA DAS AÇÕES:

O protagonista farsesco pode enfrentar desventuras intermináveis, mas o sofrimento nunca é duradouro ou significativo. Ele levanta

após cada queda, pronto para a próxima confusão. Essa inconsequência narrativa contrasta com a realidade do apego temeroso, mas também serve como um comentário irônico: o afastamento emocional desses indivíduos pode ser visto como uma tentativa de minimizar as consequências das conexões profundas.

4 DISTANCIAMENTO EMOCIONAL:

O riso gerado pela farsa depende do distanciamento emocional entre o espectador e o personagem. Esse distanciamento espelha a própria dificuldade do indivíduo com apego temeroso em estabelecer vínculos profundos. Ao evitar a intimidade, o personagem farsesco mantém os outros – e a audiência – a uma distância segura, transformando suas dores e defeitos em entretenimento.

5 REVERSÃO DA TRAGÉDIA EM COMÉDIA:

Situações que poderiam ser trágicas no melodrama são transformadas em eventos cômicos na farsa. Essa inversão pode ser lida como uma manifestação da luta interna do indivíduo temeroso: a necessidade de proteger-se da dor emocional pode levar a uma atitude cínica ou autocondescendente, onde até as experiências mais dolorosas são tratadas com humor ou indiferença aparente.

6 CICLOS DE FALHAS E FRUSTRAÇÕES:

O personagem farsesco é constantemente pego em situações que reforçam sua impotência, incompetência ou inadequação. Ele se torna um reflexo das inseguranças do indivíduo com apego temeroso, que, apesar de buscar conexão, se sente preso em um ciclo de falhas e frustrações nas relações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade de contrastar o desenvolvimento de estilos de apego e a construção de personagens em diferentes estruturas narrativas é frisar o caráter de “jornada do afeto” da experiência psicodélica. A concatenação de processos ao longo destas experiências caracteriza o seu aspecto de vitalidade que pode ser marcado pela expressão “aprendizagem experiencial”. Deste modo, uma experiência psicodélica se assemelha aos estágios mais elevados da consciência, colocando o despertar inicial, a disciplina e o desfrute no plano mais alto. Neste caminho, a

estrada que leva à aprendizagem psicodélica é a liberdade em presença da “sabedoria prática”; mas o único meio que conduz a esta “sabedoria prática” é o da disciplina na conexão de acontecimentos emergentes, com sua consequente aplicação nas atividades ordinárias. Liberdade e disciplina são, assim, os dois elementos essenciais da experiência em estados não ordinários de consciência.

Em termos narrativos, uma ética que conjugue liberdade e disciplina pode fazer da farsa uma vivência de caráter anárquico, enquanto a tragédia pode ser vista como revolucionária, o melodrama como um reduto assistencial da moralidade e a comédia como uma representação da democracia formal¹². Embora essas categorizações tenham uma conotação política, é importante perceber que, dentro da experiência narrativa, elas desempenham um papel fundamental na maneira como as histórias se desdobram e se conectam, especialmente em experiências psicodélicas.

Indo além, durante uma jornada em estado intensificado de consciência, a experiência de percepção fragmentada e alterada do mundo pode se alinhar com a necessidade de se explorar múltiplos pontos de vista, como na comédia, onde o foco narrativo é descentralizado e a compreensão das perspectivas externas é essencial. Nesse contexto, as narrativas não apenas se desdobram de maneira multifacetada, mas também se tornam um meio vital para integrar a complexidade das experiências sensoriais e emocionais, fornecendo uma estrutura de compreensão que pode auxiliar na exploração do próprio eu em conexão permanente com o mundo ao seu redor.

Em resumo, pode-se dizer que na jornada psicodélica, os estágios se conjugam em processos de exploração, precisão e generalização; e isso é suficiente para traçar os três compassos da unidade rítmica do desenvolvimento das conexões psicodélicas nas fases de preparação, experimentação e integração. Em termos mais amplos, o tempo das experiências de intensificação da consciência é comandado por essa tríade de ritmos da dança psicodélica do aprendizado.

Nesse sentido, o conceito de afeto em Spinoza oferece uma chave ontológica e ética para compreender a dinâmica da jornada

psicodélica. Para o filósofo, os afetos não são meras emoções subjetivas, mas variações na potência de existir do corpo e da mente — aumentos ou diminuições de nossa capacidade de agir. Como ele define na *Ética*, “por afeto entendo as afecções do corpo pelas quais a potência de agir do corpo é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e ao mesmo tempo as ideias dessas afecções” (E3,Def3)⁵. Quando aplicamos esse entendimento à experiência psicodélica, vemos que ela opera como um campo de intensificação afetiva, onde a potência de ser é modulada por encontros com narrativas, sensações, memórias e imagens que emergem de forma não linear. A liberdade e a disciplina, articuladas no texto como elementos essenciais da jornada psicodélica, podem ser pensadas, à luz de Spinoza, como modos de afetar e ser afetado que aumentam nossa potência de agir — isto é, nossa capacidade de compreender, integrar e transformar os encontros que compõem a experiência. Assim, a aprendizagem experiencial que marca os estados não ordinários de consciência é inseparável de uma ética dos afetos, onde a expansão da consciência corresponde ao cultivo de modos mais potentes de existir em relação.



REFERÊNCIAS

- 1 - WHITEHEAD, A. N. **Os fins da educação.** 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1969.
- 2 - HARTOGSOHN, I. *Constructing drug effects: A history of set and setting. Drug Science, Policy and Law*, v. 3, n. 1, 2017, p.1-17.
- 3 - WHITEHEAD, A. N. **Process and Reality** (*Gifford Lectures Delivered in the University of Edinburgh During the Session 1927-28*). New York: Free Press, 1979.
- 4 - SILVA, C. V. **Corpo e Pensamento:** Alianças conceituais entre Deleuze e Espinosa. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- 5 - SPINOZA, Benedictus de. **Ética.** Trad. De Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- 6 - DOS SANTOS, V. R.; RIBEIRO, W. L. Spinoza, uma filosofia da imanência dos afetos. **Kínesis**, v. 12, n. 33, 2020, p. 198-212.
- 7 - BOWLBY, J. **Attachment and loss, v. 1: Attachment.** London: Hogarth Press, 1969.
- 8 - GARCÍA-CAMPAYOA, J.; NAVARRO-GILB, M., DEMARZO, M. *Attachment-based compassion therapy. Mindfulness & Compassion*, v. 1, 2016, p. 68-74.
- 9 - BARTHOLOMEW, K., HOROWITZ, L. M. *Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. Journal of Personality and Social Psychology*, v. 61, n. 2, 1991, p. 226.
- 10 - FIELD, S. **Manual do Roteiro:** os fundamentos do texto cinematográfico. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- 11 - SEGER L. **Como Criar Personagens Inesquecíveis.** Trad. de Marisa Lopes, Maria Silvia Junqueira. São Paulo: Bossa Nova, 2006.
- 12 - SARAIVA L, CANNITO N. **Manual de Roteiro:** ou manuel, o primo pobre dos manuais de cinema e TV. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

